



O Judeu Errante nas Minas Gerais: Carlos Drummond de Andrade em busca de Ahasverus

The Wandering Jew in Minas Gerais: Carlos Drummond de Andrade in Search of Ahasverus

Kenia Maria de Almeida Pereira*

Camila Felisbino Bueno**

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal analisar o poema “A incômoda companhia do Judeu Errante”, pertencente ao livro de memórias poéticas *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade. Nossos comentários perpassarão questões como o mito do Judeu Errante no imaginário popular, bem como a presença dos cristãos-novos, desde o século 18, na região das Minas Gerais.

Palavras-chave: Judeu Errante. Inquisição. Carlos Drummond de Andrade.

Abstract: This paper aims mainly to analyze the poem “A incômoda companhia do Judeu Errante”, from the book of poetic memories entitled *Boitempo*, by the poet Carlos Drummond de Andrade. Our comments will pass by questions as the myth of the Wandering Jew in the popular imaginary, and also the presence of New Christians, since the XIX Century, in the region of Minas Gerais.

Keywords: Wandering Jew. Inquisition. Carlos Drummond de Andrade.

Quase toda criança nascida no interior de Minas Gerais, até algumas décadas atrás, crescia ouvindo as histórias fantásticas do perigoso homem do saco: o eterno caminhante, desgrenhado e barbudo que perambulava pelas ruas escuras das pequenas cidades, amaldiçoando as famílias e roubando-lhes os meninos peraltas. Os adultos diziam que ele enfiava os pequenos dentro de sua sacola imunda e desaparecia com eles para sempre. O medo e a angústia tomavam conta da imaginação da meninada que ia dormir mais cedo do que de costume, temerosa de que um dia pudesse faticamente encontrar-se com esse estranho personagem ou mesmo ser raptada por ele.

Essa é, aliás, uma versão, dentre muitas, do mito do Judeu Errante, que alimentou o imaginário de vários garotos mineiros do século passado, dentre eles, o do escritor Carlos Drummond de Andrade. O poeta de Itabira magistralmente recriou essa lenda do homem do saco no belo poema intitulado



“A incômoda companhia do Judeu Errante”, publicado em 1968, no seu livro de memórias poéticas *Boitempo*.¹

Aliás, o sentimento de medo é o que não falta nessas reminiscências drummondianas. Não só a figura do Judeu Errante perseguiu e assombrava o dia a dia do menino itabirano. Nesse cotidiano infantil, havia outros fenômenos e personagens tão insólitos e assustadores que também faziam disparar o pânico entre as crianças. Assim é que, em *Boitempo*, podemos encontrar outros poemas em que o pavor infantil é desencadeado, por exemplo, pelos raios e descargas elétricas, como se pode ler em “Tempestade”. Já no poema “O maior pavor”, há os tétricos “Cavaleiro-assombração”, o “indiscutível lobisomem”, “o morfético Sete Cachoeiras” e o “remédio amargo poia”. Em “Reunião noturna”, temos os fantasmas e as assombrações. Já em “Terroros”, o que mete medo é “o fim do mundo”, a chegada do juízo final, o fogo eterno do inferno e “os antepassados sem missas”. Não podiam faltar, ainda, nem o onipotente “Deus do catecismo” nem o onipresente satanás dos pecadores. Se o primeiro comparece como “Ele” ou o terrífico Deus que vê e “castiga depois”, o segundo, povoa o poema “O Diabo na escada”, no qual o Coisa Ruim mete medo ao aparecer no escuro disfarçado de Sá Maria.

Lembremos que Drummond já havia publicado antes, em *Sentimento do mundo* (1940), o poema “Congresso Internacional do Medo”, no qual, de forma esteticamente elaborada, o poeta, numa escrita cética e irônica, evoca “o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas, o medo dos ditadores, o medo dos democratas”. (ANDRADE, 1988, p. 61). Mais tarde, em *A rosa do povo* (1945), Drummond escreve “Medo”, poesia na qual são acrescentados outros elementos existenciais que também fazem os homens tremer e também se angustiarem: “Em verdade temos medo / Nascemos escuro. / As existências são poucas / Carteiro, ditador, soldado. / Nosso destino, incompleto”. (ANDRADE, 1988, p. 101) Aliás, o medo nos textos iniciais de Drummond é, nas palavras de Antonio Candido, uma constante, ao lado do “mundo caduco”. Ambos geram “o desajuste e a iniquidade, devido aos quais os homens se enrodilham na solidão, na incomunicabilidade e no egoísmo”. (CANDIDO, 1995, p. 123).

Boitempo é um dos livros mais instigantes e complexos de Drummond. Pena que são poucos ainda os estudos sobre essa interessante obra. Nela, o autor evoca uma Minas Gerais um pouco nostálgica, esfumaçada pelo tempo. São lembranças fragmentadas. Estilhaços de um passado distante em que o poeta tenta recuperar, por meio do estilo autobiográfico, estas reminiscências, essa “(In) Memória”, feitas de “cacos, de buracos, de hiatos, de vácuos e de elipses”.



Quando da publicação de *Boitempo*, Drummond estava com 66 anos: um homem de meia idade, evocando o “menino antigo”. Além dos pavores e terrores noturnos que o sobressaltavam no passado, há ainda referências políticas e econômicas ao mundo rural hierarquizado com seus fazendeiros de cana, administrando “suas engenhocas de rapadura e cachaça / e açúcar marrom, tiquinho para o gasto”. Há ainda as mulheres negras que serviam para tudo: para “lavar, passar, remendar, costurar, cozinhar, rachar lenha, limpar a bunda dos nhozinhos, trepar.”.

Dessa forma, *Boitempo*, com suas evocações em que se mesclam senhores e criados, lembra-nos uma espécie de *Casa grande & senzala* das Minas Gerais. Tudo isso, a partir de uma perspectiva mais poética e mais irônica que a de Gilberto Freire. Assim, a percepção do eu lírico em *Boitempo* manifesta-se como a de um sociólogo com seu olhar etnográfico, capturando uma Itabira do início do século 20, mergulhada numa vida que seguia sempre pacata e devagar. “Uma cidadezinha qualquer”, com seus pomares e suas “casas entre bananeiras”, ruminando o tempo calmamente como um boi, um boitempo, onde “o gado é que anoitece” e, quando amanhece, “a luz chega no leite / morno esguicho das tetas.” Uma Itabira das compoteiras coloridas de doces e dos licoreiros de cristal, enfeitando casas “mais velhas que a velhice” e onde todos parecem “ter nascido velhos” com seus “chapéus autoritários” e suas “barbas de milênios”. Para José Guilherme Merquior:

A amplidão do motivo itabirano multiplica os tons e as perspectivas das recordações do poeta. Ela permite logo de início levantar uma verdadeira sociologia da *parochial life* de Minas na *Belle Époque*. A economia, as relações sociais, os usos e costumes que acodem insistentemente à memória; constituem o fundo ou mesmo o tema da maior parte dos textos. (MERQUIOR, 2012, p. 293).

Mas, se o poeta cantou a economia, as casas e a política de Itabira, também não deixou de fora nem os loucos, nem as putas, nem os professores, nem os padres. O poeta não se esqueceu de rememorar nem os castigos corporais, nem os colégios internos, muito menos a descoberta da sexualidade. *Boitempo* se encaixaria também no gênero literário das narrativas de formação, ou *poesia de formação*, ou ainda numa espécie de *bildungsroman* em versos, ou romance de formação estruturado em estrofes. Em *Boitempo*, o leitor pode seguir “a trajetória do anjo torto de Itabira, sua formação familiar, religiosa, escolar,



política, moral, desde a infância, até ao início da vida adulta”. (PEREIRA, 2008, p. 121).

Drummond rememora ainda a perplexidade com a transição social: o declínio da família patriarcal, a desintegração do mundo rural, a decadência dos hábitos tradicionais, bem como a chegada dos estrangeiros, instalando as primeiras siderurgias para o processamento do ferro. Assim, tem razão Affonso Romano de Sant’Anna, para quem o poeta-gauche procura amparo nas imagens do passado como forma de “recuperar a si mesmo, através da descoberta deste sentido de continuidade no ato de pertencer a algo que parece perdido para sempre” (SANTA’NNA, 2008, p. 79).

Interessa-nos, em meio a esses inúmeros temas, pertencentes a esta constelação sociológico-poética presentes em *Boitempo*, determo-nos um pouco mais nas estrofes do poema “A Incômoda companhia do Judeu Errante”. Vamos à leitura:

Não durmo sem pensar no Judeu Errante
A esta hora,
Onde estará, não estará,
Pois caminha eterno, e seus passos ressoam
Neste quarto, embaixo da cama,
Na gaveta do armário, na porta do sono?

Para que foram me contar essa história de Judeu Errante
Que tem começo e nunca terá fim?
Não sei se é pena ou medo
Ou medopenamedo
O que sinto por ele.
Sei que me atinge. Me fere. Não há banco
Nem cama para o Judeu Errante.
Come no ar. Não para.
Vestido de preto. Anda. Olhos sombrios. Anda.
Deixa marca de pés? Como é sua voz?
E anda e anda e pisa no meu sonho.
Que mal fiz eu
Para viver acorrentado à sua imagem?
(ANDRADE, 1988, p. 500).



Segundo Câmara Cascudo, em seu *Dicionário do folclore brasileiro*, essa história do judeu caminhante está calcada em lendas medievais europeias, entrando no Brasil via Portugal e Espanha. O Judeu Errante, também chamado de Ahasverus, ou Cartaphilus, era sapateiro em Jerusalém. Quando Cristo, com a cruz aos ombros, passou diante de sua loja, Ahasverus deixou o trabalho para empurrar o Salvador. O judeu, Cartaphilus, foi, assim, condenado por Jesus a caminhar infinitamente pelo mundo, sem descanso, até a segunda volta do Redentor. Cascudo comenta ainda que o Judeu costumava aparecer nas casas em que se comemorava a sexta-feira da paixão. Geralmente ele se materializava na forma soturna de um “velho alto e magro, muito barbado, cabelo comprido e com um manto escuro” (CASCUDO, 1988, p. 418).

A lenda do Judeu Errante, desde a Idade Média, está atrelada aos dogmas religiosos católicos que, entre os séculos 14 e 17, ganharam força ao insuflar, por meio do catecismo, dos sermões dominicais e das pregações em praça pública, o repúdio aos judeus, considerados deicidas, hereges e satânicos. Para Jean Delumeau (1989), foi o discurso teológico cristão um dos fatores mais importantes que fomentavam o ódio e o medo ao povo de Israel. Lembremos que Drummond foi educado dentro das normas e padrões culturais de uma família católica, além de ter sido educado em colégio de Jesuítas. Mergulhado desde muito cedo nesse universo da tradição cristã, deve ter assimilado, como todo menino dessa época, o temor e repúdio ao não cristão, ao estrangeiro, ao outro, ou todo aquele que pode levar à perdição da alma, ao sentimento do pecado e às chamas do inferno. Só na idade adulta, o poeta consegue se livrar destes fantasmas, elaborando e recriando suas angustias em belas metáforas presentes em *Boitempo*.

Curioso que Carlos Drummond intitula seu poema de “Incômoda companhia do Judeu Errante”. O poeta se sente incomodado, culpado e também angustiado por ter como companheiro imaginário esse personagem imprevisível, surpreendente, deslocado, sobre o qual não se pode saber onde ele se encontra: pode estar tanto no quarto do pequeno Carlito, como “embaixo da cama / Na gaveta do armário, na porta do sono?”. O mito do Judeu Errante empurra o garoto para o jogo dialético e contraditório da vida. O repouso de Itabira contrasta com o eterno movimento desse personagem errante e fugidio. O comportamento insólito desse personagem cosmopolita e estrangeiro mete medo, “atinge” e “fere” o menino enraizado e provinciano.

E pior: um homem absurdo que caminha eterno e não deixa rastros. O poeta oscila assim entre a pena e o medo, ou, às vezes, mescla num mesmo instante os



dois sentimentos: ou seja, uma mistura de “penamedo”, fusão que soa como remorso por entender que este homem “come no ar” e “não para”. O eu lírico fica também ansioso com este ser que caminha sem cessar, ininterruptamente, e o menino pergunta apreensivo: “Que mal fiz eu?”.

Ahasverus não se sente nem para as refeições e nem para dormir: um flagelado dentro de um castigo cruel e desumano. A dor maior do menino Carlito vem dessa contraposição entre sua aconchegante rotina noturna e a errância desvairada do andarilho imprevisível. Nas estrofes dessa poesia podemos identificar aquilo que José Guilherme Merquior chama de “as linhas temáticas do lirismo ético-filosófico de Drummond”. (MERQUIOR, 2012, p. 299).

O poema em seus versos livres, que mais lembra uma crônica ou um pequeno conto, com apenas duas estrofes estruturadas em versos irregulares, os quais variam entre quatro, seis, oito, onze e doze sílabas poéticas, evoca o caminhar aleatório e desnordeado do Judeu Errante. As estrofes estão dimensionadas sobre o verbo andar, que, conjugado na terceira pessoa do singular, comparece quatro vezes no poema. “No vestido de preto. Anda. Olhos sombrios. Anda. / E anda e anda e pisa no meu sonho”. Andar, eis o verbo no qual o Judeu Errante está preso para sempre. Nesse movimento das pernas, aleatório e constante, nesse mistério do movimento eterno, o judeu é o personagem da diáspora, da migração e da viagem. Mais uma vez sua imagem de desterritorializado se contrasta com a solidez e os rituais previsíveis das famílias mineiras da pacata Itabira.

No poema de Drummond, o Judeu “anda de preto”: A cor escura, provavelmente, seria uma referência aos antigos trajes judaicos dos primeiros grupos de cristãos-novos judaizantes que chegaram às Minas Gerais, no século 18, no auge da exploração do ouro. Nesse período, muitos grupos hebraicos, acreditando estarem longe dos rigores da Inquisição portuguesa, faziam questão de preservar seus costumes milenares de acordo com a Torá. Assim, muitos deles vestiam-se com roupas longas e pretas, principalmente nas festas típicas como Rosh Hashaná, o Ano Novo Judaico, Pessach, Páscoa judaica, Yom Kippur, Dia do Perdão e também na oração do Shabat.

Com certeza, a lenda do Judeu Errante chegara a Minas Gerais juntamente com os primeiros visitantes da Santa Inquisição, quando o longo e terrível braço do Santo Ofício alcançou aqui nos trópicos os supostos hereges judaizantes. Neusa Fernandes, em *A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII*, observa que,



quando o Brasil se tornou a terra do ouro, os dirigentes da Inquisição passaram a se preocupar com a massa que se afluía às Minas. Comparada ao século anterior, pode-se ver que a repressão política, econômica e religiosa se intensificou na colônia, como bem o demonstrou o Requerimento das Superintendentes, Guarda-Mores e Oficiais, de 1702, elaborado para região das minas de ouro. Os exames de pureza de sangue se tornaram rígidos e aumentou o número de familiares (FERNANDES, 2000, p. 108).

Neuza Fernandes (2000) comenta ainda que a Inquisição tinha um maior rigor com os cristãos-novos, ou criptojudeus, geralmente acusados de praticar o judaísmo em surdina, no recinto privado de seus lares. Como consequência, eles passavam por inúmeros processos, torturas e tormentos. Tinham seus bens sequestrados e eram expulsos das regiões das minas. Dezenas foram presos, passaram por autos de fé, outros foram queimados, e alguns deles ainda encaminhados para julgamento em Lisboa. A historiadora Anita Novinsky informa também que:

O Brasil oferecia condições excelentes para um cripto-judaísmo e, na medida em que os agentes inquisitoriais procuravam os judaizantes, estes se infiltravam mais e mais pelo sertão. As numerosas ordens de prisão, que foram emitidas, mostram quantos cristãos-novos nunca foram encontrados. O marranismo deve ser entendido como um fenômeno ibérico e latino-americano. (NOVINSKY, 1992, p. XIX).

Diante disso, a lenda do Judeu Errante, em Minas Gerais, provavelmente, sobreviveu e ganhou força principalmente nesse período inquisitorial. Esse mito auxiliou no apaziguamento das consciências. Afinal, o judeu Cartaphilus é o diferente, é o outro. É o que esbofeteou e empurrou Jesus Cristo. Nunca acreditou no Salvador. Não é cristão. É um marrano. Assim, fica mais fácil condenar seu povo à fogueira, expropriá-los e expulsá-los para longe das comunidades cristãs.

Se, para Tucci Carneiro (2003), a imagem do Judeu Errante, o caminhante sem pátria, foi reabilitada e ganhou força no discurso político antissemita na Era Vargas, o mesmo se pode dizer para a época inquisitorial. Tanto no período da



Segunda Guerra, sob o signo da eugenia, como no reinado do Santo Ofício, sob o fanatismo religioso, essa narrativa colabora para a construção simbólica de um bode expiatório nos tempos de guerra e de crise.

A lenda do Judeu Errante, portanto, nutriu o imaginário do povo mineiro, no periódico da Inquisição, que via na figura desse andarilho, desse estrangeiro inassimilável, aquele que deveria ser expulso e castigado, uma vez que ele era descrente e arredio aos ensinamentos cristãos e, pior: se enriquecia às custas do ouro da colônia. Alan Unterman observa que a lenda do Judeu Errante, em qualquer época, contempla uma fundamentação antissemita “para a expulsão dos judeus dos países cristãos. Em diferentes épocas e países, pessoas alegavam ter encontrado Assuero [...] Sua aparição era considerada precursora de alguma catástrofe natural”. (UNTERMAN, 1992, p. 160).

Assim, a figura de Ahasverus tanto serviu para educar as crianças dentro da cultura patriarcal do medo como também colaborou no passado para promover o espírito antissemita na Era Vargas e nas Minas Gerais do século 18.

Drummond diz, no oitavo verso, que a história de Assuero “tem começo e nunca terá fim”. Esta figura errante talvez seja uma das mais trágicas de todos os tempos. Ser condenado à imortalidade, ser sentenciado a viver sem conhecer a morte, paradoxalmente se torna insuportável, uma vez que “o exclui de toda afeição humana e faz com que ele veja tudo à sua volta morrer, desaparecer e renascer”. (ROUART, 1997, p. 664).

Amaldiçoado e rebelde, Ahasverus estabelece correlações com o bíblico Caim, que, depois de assassinar seu irmão Abel, é amaldiçoado por Deus com um castigo maior do que ele poderia suportar: caminhar ininterruptamente pelo mundo num eterno desassossego. Personagem, aliás, que atíça e provoca a imaginação de escritores e artistas. Marc Chagall e Gustave Doré, por exemplo, são pintores renomados que levaram para suas telas a figura insólita do Judeu Errante, caracterizando-o sempre por barbas longas, andar apressado e cajado na mão. Câmara Cascudo, por sua vez, observa que no século 19 foi moda, tanto na literatura erudita como nos contos populares, falar sobre o Judeu Errante. Jerusa Ferreira (2000) aponta, também, que este personagem do exílio, no início do século 20, foi um dos temas recorrentes dos cordéis nordestinos. Jerusa Ferreira (2000) cita os livretos de cordel *O Judeu Errante*, de Severino Borges; *A vida do Judeu Errante*, de Manoel Apolinário Pereira e *O filho do judeu*, de Delarme Monteiro da Silva, como as estórias mais interessantes e populares desse período que trazem em seu bojo o Assuero danado. Tais narrativas, na



letra e na voz do poeta popular, exorciza esta figura lendária, além de ligá-lo ao “Anti-Cristo e trata-se de fazê-lo maldito, a qualquer custo”. (FERREIRA, 2000, p. 4).

Já na literatura brasileira erudita, três importantes autores recriaram a figura mítica de Assuero. Machado de Assis, com o conto “Viver”, Castro Alves, com o poema “Ahasverus e o gênio”, e Fagundes Varela, em *Noturnas*, reelaboram a lenda do eterno caminhante, reforçando os elementos de rebeldia romântica deste personagem contraditório que, tal qual Prometeu, ousou insurgir-se contra uma divindade poderosa. Sem esquecermos ainda que, quando criança, Drummond pode ter assistido a algumas tragicomédias populares, que eram representadas por atores mambembes das pequenas cidades do interior do Brasil. Esses espetáculos eram adaptados de romances e folhetins franceses e tinham como protagonista o fantástico Ahasverus. *O judeu errante*, de Eugène Sue, por exemplo, foi uma das histórias folhetinescas mais conhecidas e encenadas no Brasil no início do século 20.

Na infância, com certeza, Drummond ouvia os vários causos populares, contados e recontados pelas criadas e pelos seus avós, nos quais Assuero ou o homem do saco comparecia com sua estranha peculiaridade. Talvez possamos afirmar que a lenda do anômalo Judeu Errante, personagem que provoca temores e perplexidades por onde passa, aproxima-se da lenda do monstruoso Golem. Ambos são frutos indesejáveis das sociedades e devem ser punidos. Se o Judeu deve caminhar eternamente, o Golem deve ser destruído. Ambos são seres amaldiçoados, malditos e temidos: alegoria daquilo que escapa ao controle dos humanos. Para Lyslei Nascimento e Luiz Nazario, a narrativa do Golem transformou-se em literatura, ecoando no “imaginário universal, incorporando e gerando outras fantasias que se concretizam no mundo dos homens” (NAZARIO; NASCIMENTO, 2004, p. 11). O mesmo se pode dizer do mito do Judeu Errante. Essa lenda ganhou inúmeras versões tanto na pena dos escritores eruditos como dos populares. Tanto o Golem como Assuero são criaturas fantásticas que já fazem parte do patrimônio oral e das narrativas eruditas do maravilhoso e do *nonsense* do mundo Ocidental.

Drummond termina o poema dizendo estar acorrentado à imagem de O Judeu Errante. Com esse verso, o poeta mineiro parece se identificar com a figura marginal de Ahasverus. Tal qual Assuero, personagem imortal que enfrenta de forma ininterrupta e absurda o enigma do tempo e da morte, numa caminhada solitária e dolorosa, também os ombros do poeta “suportam o mundo” e ele tenta traduzir estas dores em belos versos para seus leitores, alertando:



“Chegou um tempo em que não adianta morrer / Chegou um tempo em que a vida é uma ordem /. A vida apenas, sem mistificação”. (ANDRADE, 1988, p. 67).

Dessa forma, ao acorrentar-se à figura do Judeu Errante, a figura de Ahasverus ganha, dentro da poesia de Drummond, um caráter alegórico, simbolizando o poeta exilado de sua Itabira saudosa. Drummond deixa transparecer em *Boitempo* a imagem do escritor expatriado de sua Pasárgada mineira. Afinal, Drummond perambulou de Itabira para Nova Friburgo, de Nova Friburgo para Belo Horizonte, e, depois, da capital mineira para o Rio de Janeiro, de onde nunca mais saiu. Sempre com uma ponta de nostalgia de sua terrinha natal, “da estrada de Minas, pedregosa”, este cigano errante das palavras, cantou tanto os medos infantis como os nossos temores adultos. Drummond também compreendeu bem cedo que “no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho”, daí o apelo para que, ao caminharmos “Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”. Afinal, Drummond, mesmo ruminando seu passado em *Boitempo* e estando acorrentado à figura do solitário Ahasverus, ele é o cantor “do tempo, do tempo presente, dos homens presentes”.

* **Kenia Maria de Almeida Pereira** é doutora em Literatura Brasileira. Professora do Programa de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Autora de, entre outros, *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, O Judeu*, pela editora Annablume, e *Guerras do Alecrim e Manjerona: entre aos jogos do entrudo e as artimanhas do coração*, pela EDUFU.

** **Camila Felisbino Bueno** é graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Em 2012, finalizou sua pesquisa sobre o Judeu Errante em Carlos de Drummond de Andrade com Bolsa de Iniciação Científica da FAPEMIG.

Notas

¹ O primeiro volume, *Boitempo I: (In) Memória*, foi publicado em 1968, seguido por *Boitempo II: Menino antigo* (1973) e por *Boitempo III: Esquecer para lembrar* (1979). Neste artigo, faremos referências ao texto de 1988, publicado pela



editora Nova Aguilar, a qual organizou em edição revista e atualizada esses três volumes sob o título *Boitempo*.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O veneno da serpente*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1998.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

FERNANDES, Neusa. *A Inquisição em Minas Gerais no século XVIII*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

FERREIRA, Jerusa Pires. O Judeu Errante: a materialidade da lenda. *Revista Olhar*. São Carlos, UFSCAR, ano II, n. 3, p. 24-30, maio 2000.

PEREIRA, Kenia Maria de Almeida. *Boitempo* de Carlos Drummond de Andrade: confluências entre memória, poesia e História. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, n. 39, ano 21, p. 115-122, 2008.

MERQUIOR, José Guilherme. *Verso, universo em Drummond*. São Paulo: Edição do autor, 2012.

NAZARIO, Luiz; NASCIMENTO, Lyslei. *Os fazedores de golems*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2004.

NOVINSKY, Anita. *Cristãos-novos na Bahia: a Inquisição*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ROUART, Marie-France. O mito do Judeu Errante. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 665-671.



SANT'ANNA, Affonso Romano. *Drummond: o gauche no tempo*. São Paulo: Record, 2008.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.